



HEMEROTECA DIGITAL

LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE



©Biblioteca da FARN

2010



Prédio onde funcionou a Escola Doméstica, de 1914 a 1952 - Ribeira.

HEMEROTECA DIGITAL DA LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE

Visando a manutenção da memória e a preservação de fontes de informação institucional, a Biblioteca da FARN lança a *HEMEROTECA DIGITAL DA LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE*, em comemoração ao centenário desta instituição que por tradição tem seu nome registrado na memória do povo norte-riograndense.

Esta iniciativa teve como marco inicial o ano de 2010, cujas atividades ficaram sob a responsabilidade das bibliotecárias da FARN, Maria Luzia Alexandre de Oliveira e Marciele Oliveira de Souza, que através dos processos de seleção, organização e disseminação, tão bem souberam representar fatos e momentos memoráveis da história centenária desta entidade educacional.

Inicialmente, lançamos 100 registros que contemplam textos e fotos publicados em jornais locais, cuja temática reporta à Liga de Ensino do Rio Grande do Norte (Complexo de Ensino Noilde Ramalho – Escola Doméstica de Natal, Colégio Henrique Castriciano e a Faculdade Natalense para o desenvolvimento do Rio Grande do Norte), além de notícias da eterna Diretora e Chanceler Prof^a Noilde Ramalho e do Diretor-Geral da FARN, Prof^o Daladier Pessoa Cunha Lima.

Através desta ação inicial, estaremos ampliando o acervo arquivístico, para que cada vez mais possamos divulgar o registro da história da Liga de Ensino do Rio Grande do Norte.

Natal, novembro de 2011.

M^a de Lourdes Teixeira

Coord. Biblioteca FARN

MODO DE ACESSO: Ao se clicar no ano desejado o usuário terá acesso de imediato aos textos e imagens em PDF.

SOUZA, Débora. Escola Doméstica, tradição quase centenária. **Novo Jornal**, Natal, 19 set. 2010. Cidades, p.11.

Classificação

37 S713e

ESCOLA DOMÉSTICA TRADIÇÃO QUASE CENTENÁRIA

/TRAJETÓRIA/ FUNDADA HÁ 96 ANOS COM BASE NO MODELO DE EDUCAÇÃO DA SUIÇA, A INSTITUIÇÃO AINDA PRESERVA SUA IDENTIDADE MAS TEM SE ADAPTADO AOS NOVOS TEMPOS, RENOVANDO PRINCIPALMENTE DISCIPLINAS DA SUA GRADE CURRICULAR



DÉBORA SOUSA
DO NOVO JORNAL

“TRADIÇÃO” É O que esbraveja Tevye, interpretado por Topol, logo no início do musical ‘Um violinista no telhado’, clássico de 1971. Para quem nunca assistiu, o filme é ambientado na Rússia, no início do século 20, em pleno regime czarista. O protagonista é um pai de família tão pertinaz em manter os velhos costumes, que, por muitas vezes, ignora a felicidade das próprias filhas. Entretanto, à medida que o tempo passa, o austero, porém, carismático Tevye aos poucos cede às mudanças da época, passando a encarar as circunstâncias que o cercam sob outra perspectiva.

Há quase um século, nascia uma das escolas mais tradicionais da cidade, a Escola Doméstica de Natal (ED). Assim como Tevye, Noilde Ramalho, a mulher que está há 65 anos à frente do estabelecimento constituído apenas por mulheres, já passou por várias provações durante este período; e embora o colégio tenha passado por várias adaptações, ela nunca abriu mão de preservar a identidade da instituição que ora comemora 96 anos de fundação.

Uma dessas renovações é a antiga disciplina de Costura, que foi substituída por Moda e Estilismo. Em vez de apenas aprenderem a pregar o botão de uma camisa, as alunas são instruídas a respeito de como se vestir de acordo com a ocasião, além de produzirem a própria vestimenta num conceito moderno de desenvolvimento sustentável. No final da matéria,

sustentável. No final da matéria, as estudantes têm a oportunidade de expor os trajes de materiais recicláveis, que elas desenvolveram durante a aula. “As meninas

“

EU ME
CONSIDERO
UMA PESSOA
ATUALIZADA,
CONSCIENTE DAS
TRANSFORMAÇÕES
DO MUNDO AO
MEU REDOR”

Noilde Ramalho
Diretora da Escola Doméstica



► Escola Doméstica vive época de comemorações pelo aniversário de 96 anos

mostram os trabalhos que fizeram num desfile que nós chamamos "Do Lixo ao Luxo". Além disso, elas recebem dicas sobre como vestir-se bem sem exagerar; é como se elas exercitassem seu senso crítico", diz Graciema Carneiro, ex-aluna e assessora de imprensa da ED.

A matéria de Técnicas Culinárias também atravessou mudanças, agora sendo complementada pela de Educação Alimentar. As estudantes têm aulas durante seis meses sobre como manipular alimentos, elaborar cardápios e desenvolver dietas baseadas na ingestão equilibrada de nutrientes, todas auxiliadas por uma nu-

tricionista, em parceria com a Faculdade Natalense para o Desenvolvimento do Rio Grande do Norte (Farn).

DISCIPLINAS

Na grade curricular ainda constam as disciplinas de Ética e Convívio Social, Enfermagem, Fundamentos da Puericultura, Etiqueta Social e Profissional, além de Administração e Ordem Doméstica, em que as alunas aprendem de forma teórica e prática a administrar a residência, receber convidados e lidar com as contas, estimulando-as desde cedo a exercer, sobretudo, o papel de cidadãs.

Contrariando aqueles que acreditam que a instituição educa mulheres apenas para serem futuras donas de casa, surge toda uma geração bem-sucedida de advogadas, médicas, antropólogas, professoras, jornalistas e tantas outras profissões promissoras. Longe de estarem alienadas, elas uniram o conhecimento acadêmico às disciplinas extracurriculares do colégio, tornando-se bem mais do que meras domésticas. São mulheres ativas dentro da sociedade; que não somente observam, mas participam diretamente de todo o processo.

Segundo Ramalho, a grande

saatificação está no retorno das alunas. "Elas voltam aqui e eu consigo ver a emoção dessas meninas, que já atuam no mercado de trabalho, que estão hoje no caminho certo", diz. Ela ainda acrescenta que, quando se administra uma escola do porte da ED, o gestor tem que estar, acima de qualquer coisa, informado a respeito do mundo e das suas mudanças. "Eu me considero uma pessoa atualizada, consciente das transformações do mundo ao meu redor e foi justamente devido a esse esclarecimento que a escola adaptou-se aos moldes da sociedade durante esse tempo", frisa.

TRÊS GERAÇÕES E UM AMOR PELA ESCOLA

A médica Romeica Rosado, 41, formou-se pela Escola Doméstica em 1985. Depois de quase 25 anos, ela volta à escola, mas não para estudar e sim para pegar a filha, Lília, 8, aluna do 3º ano fundamental. "Quando eu venho aqui, me sinto em casa. Não importa o quanto fique longe, me encho de carinho e alegria. É um lugar lindo que me transmite muita paz, muita energia positiva e que sempre lembro com saudade", confessa.

A sensação de ver a filha vestida com o mesmo uniforme que ela usava há anos atrás, sempre lhe comove. "Quando me formei, fui embora com esse sonho, de algum dia ter uma filha e matriculá-la aqui nessa mesma escola. Tenho certeza que ela sairá daqui levando consigo os mesmos ensinamentos que eu tive", falou.



► A médica Romeica Rosado, com a mãe Ana Maria e a filha Lília

Numa realidade em que o ser humano se desprende cada vez mais de certos valores éticos e morais, a oftalmologista diz que a Escola Doméstica entra neste contexto com a função de resgatá-los. "Mesmo que as condutas comportamentais tenham mudado bastante ao longo de todos esses anos, a mulher precisa ter a consciência das atribuições que tem na sociedade, sem abandonar a forma como se comporta, como fala, como se veste. E é partindo destas circunstâncias que a escola prepara a mulher para a vida, dando continuidade à educação que a gente aprende em casa", enfatiza.

Romeica diz que todo o conhecimento que obteve na escola, lhe ajudou não só em sua rotina doméstica, mas também profissional. "Minha mãe fez a escolha certa quando decidiu que eu viesse estudar aqui, tenho certeza que ela tem muito orgulho disso", completou.

A mãe da médica, a ex-aluna da ED, Ana Maria Freire, 67, foi uma das concluintes da turma de 1966. Ela, que hoje está aposentada, foi professora da instituição, logo depois seguindo para lecionar na UFRN. Ter visto minha filha e, agora, minha neta no mesmo lugar em que eu estudei por tantos anos, me emociona muito. Foi aqui que eu fiz grandes amigas, que vivi momentos de alegria", admitiu.



► Escola prepara alunas não apenas para serem boas donas de casas...



► ...mas também para serem bem sucedidas nas mais diversas profissões

HISTÓRIA

A escola foi fundada por Henrique Castriciano em 1914, no bairro da Ribeira. Depois de uma viagem a Europa, em que o escritor conheceu o modelo suíço de educação pelo École Ménagère de Fribourg, teve a ideia de ampliar o cenário feminino do Rio Grande do Norte, criando uma instituição formada apenas por meninas. Ramalho, ex-aluna e professora da escola, passou a assumir o cargo de diretora em 1945 e em 1953, a escola mudou-se para o Tirol, onde permanece até hoje.

Em 1988, ela constrói o Complexo Educacional Henrique Castriciano (HC), em homenagem ao fundador da instituição. "Essa expansão aconteceu no sentido de modernizar o ensino, de acompanhar o ritmo da sociedade", comentou a vice-diretora Cristine Cunha Lima. Da educação infantil ao ensino médio, a ED e o HC já contam com mais de 2 mil alunos.

A partir do 1º ano fundamental, os alunos têm a opção de escolher em qual das duas instituições permanecerá, juntando as turmas apenas no 3º ano do ensino médio. "É mais fácil porque nessa fase de vestibular, os estudantes se dedicam bastante, são solidários uns com os outros. Além disso, a grade de professores e laboratórios utilizados por eles são os mesmos, então facilita", explicou a vice-diretora. Mostrando-se uma verdadeira



empreendedora educacional, Ramalho conseguiu reunir uma área de mais 16 hectares voltada para o segmento, quando criou também a Fam, que oferece atualmente cerca de 10 cursos superiores entre Psicologia, Fisioterapia, Direito, Administração, Ciências Contábeis, entre outros, além das pós-graduações.

O regime de internato ainda existe, mas diminuiu, segundo a vice-diretora. "A ideia de internato surgiu da necessidade de boas escolas em algumas partes do país. Sendo assim, os pais que desejassem uma educação melhor para as filhas, teriam a possibilidade de abrigá-las na instituição. Agora com essa revolução na educação, a procura diminuiu", conta. São cerca de 20 internas, oriundas de várias estados do país.



SOUZA, Débora. Feminista graças à Escola Doméstica. **Novo Jornal**, Natal, 21 set. 2010. Cidades, p.11.

Classificação

37 S713f

FEMINISTA GRAÇAS À ESCOLA DOMÉSTICA

EDUCAÇÃO / INTEGRANTE DO FÓRUM DE MULHERES E DO CONSELHO DE DIREITOS HUMANOS DO RIO GRANDE DO NORTE, A ANTRÓLOGA ELIZABETH NASSER REVELA QUE TER ESTUDADO NUMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO TRADICIONAL A AJUDOU A SE TORNAR UMA PESSOA ESCLARECIDA

DÉBORA SOUSA
DO NOVO JORNAL

A TURMA DE concluintes do ano de 1954 da Escola Doméstica de Natal (ED), que está comemorando 96 anos de existência, traz uma agradável surpresa. É a presença da antropóloga e atual integrante do Fórum de Mulheres do Rio Grande do Norte, Elizabeth Nasser. Embora tenha estudado a vida inteira em um colégio que “supostamente” deveria formar donas de casa, ela é uma das ex-alunas da instituição que surge como um ser pensante e independente, acima de quaisquer outros atributos.

Aos 71 anos e aposentada há mais de 23, a mãe de Miguel, 34, e Tariana, 31, diz que continua tão ativa quanto antes. “Eu continuo indo a todos os lugares que sempre freqüentei. Nunca deixei de fazer nada do que fazia quando era mais jovem”, confessa a adepta do movimento feminista, que também é membro do Conselho de Direitos Humanos do Rio Grande do Norte e coordenadora do Grupo Autônomo de Mulheres do estado.

Segundo Nasser, o fato de ter estudado na ED, ao contrário do que muitos poderiam pensar, só lhe ajudou a ser a pessoa esclarecida que é hoje. “Ah, naquela época a Escola Doméstica era tão avançada para aquele tempo que as mães tinham medo de colocar as filhas lá”, conta. Segundo a antropóloga, a visão de educação do colégio nunca foi de formar donas de casa, mas sim de instruir as mulheres para a vida, tanto no lado pessoal quanto profissional.

te em direção aos Estados Unidos da América (EUA) para fazer um doutorado na capital norte-americana. Apesar de ter sido aceita, não realizou o curso em virtude da falta de tempo para cuidar dos filhos. “Eu e meu marido tínhamos partido com o mesmo objetivo, estudar. Mas alguém tinha que ficar com as crianças, então acabei abdicando da pós-graduação”, conta.

Nasser explica que durante sua estadia no país foi convidada para lecionar no Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade da Flórida. “Desa vez eu não abri mão do convite. E foi lá onde tive a oportunidade de conviver com um público feminino diverso. Pude participar de seminários, inclusive de várias mulheres que sofreram violências e não tinham a quem recorrer”, disse. Segundo a antropóloga, as mulheres norte-americanas não tinham a quem denunciar caso sofressem abusos, diferente das brasileiras. “Naquela época, nós tínhamos conselhos, delegacias, já a mulher americana não. Eu tive a chance de conviver com tudo isso”, afirma.

Depois de quatro anos nos EUA, Nasser volta com outra mentalidade e decide lecionar uma disciplina do gênero na UFRN. “O departamento não me permitiu ensinar a matéria que eu queria, voltada para o universo feminino, e me ofereceram outra, mais ligada à antropologia. Eu aceitei, mas incluí dentro da matéria um seminário sobre negros, homossexuais, índios e mulheres. Foi uma agitação só”, conta.

“Isso intimidava muito a família, pois a maioria das mães queria que as filhas continuassem com aqueles mesmos pensamentos, não queriam que elas fossem além deles, evoluíssem, entendem?”, explica.

Apaixonada por antropologia desde os tempos de escola, ela decepcionou-se ao descobrir que o curso ainda não estava disponível na cidade após terminar o ensino médio. “Eu fiz uma pesquisa e vi que a graduação que explorava mais a disciplina era geografia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Não pensei nem duas vezes e me inscrevi”, conta. Ainda na faculdade, ela conhece seu marido, o também geógrafo e antropólogo Nássaro Nasser, 70. “E depois disso nunca mais nos separamos”, disse.

Em 1964, Elizabeth Nasser forma-se em geografia pela UFRN, e logo depois descobre que o curso de antropologia que tanto almejava estava sendo ofertado pelo Museu Câmara Cascudo (MCC), na época Instituto de Antropologia, em meados de 1960.

Anos depois, em 1978, ela par-

A antropóloga fala que não foi fácil defender os ideais das mulheres numa época em que o preconceito dominava boa parte da população. Mas depois do episódio, em vez de desistir, decidiu juntar-se de vez ao movimento feminista em 1982. “Junto com Garibaldi Alves, eu criei, em 1986, o 1º Conselho de Mulheres de Natal, e este foi o primeiro a nível de secretária do Brasil. Foi uma grande conquista”, frisa. “Muita coisa mudou desde então e a mulher realmente vem ganhando mais espaço, tanto no mercado de trabalho quanto na sociedade. Mas tudo ainda é resultado de muita luta, nada é por acaso”, enfatiza.

Nasser destaca o fato de ter tido um bom casamento também lhe foi bastante favorável. “Eu encontrei um companheiro que gostava das mesmas coisas que eu, estudava o mesmo que eu. Nós tínhamos um estilo de vida muito parecido e viajamos pelo mundo juntos. Ele nunca quis me prender dentro de casa, pelo contrário. Sempre me incentivou a crescer, estudar, ir atrás dos meus objetivos”, destacou.

“

MUITA COISA
MUDOU DESDE
ENTÃO E A MULHER
REALMENTE VEM
GANHANDO MAIS
ESPAÇO”

Elizabeth Nasser.
Antropóloga



► Álbum de recordações de Elizabeth Nasser como aluna da Escola Doméstica



► Elizabeth Nasser: concluinte da turma de 1954 da Escola Doméstica de Natal

AMIZADE COM NOILDE SURTIU DEPOIS QUÊ SAIU DO COLÉGIO

Autora de mais de 40 artigos e do livro "Viva a diferença com direitos iguais", publicado em 2004, Nasser conta que, há aproximadamente dois anos, estava participando de um evento na Câmara dos Vereadores no qual a diretora da Escola Doméstica, professora Noilde Ramalho, foi homenageada pelo Dia Internacional da Mulher. "Sem saber que era a escola onde eu havia estudado, uma jornalista se aproximou e me perguntou: 'O que a senhora acha da mulher ter avançado tanto e ainda existir uma instituição como essa?'

foi quando eu lhe respondi: 'Olhe bem pra mim, minha filha. Essa pessoa de opiniões fortes que você admira, nada mais é que fruto desta mulher ali na frente (Noilde). Eu estudei a vida inteira no colégio que ela construiu', revela.

Embora assumo não ter um contato mais próximo com Noilde na época de colégio, a antropóloga ressalta que, depois que se formou, a diretora acabou se tornando uma grande amiga. "Lógico, que naquele tempo existia muito aquele receio por ela ser diretora. Isso era normal,

até porque Noilde sempre foi bastante rigorosa, muito correta com tudo", disse.

"Mas depois que eu saí do colégio, passei a vê-la, sobretudo, como uma mulher igual a mim, foi quando passamos a nos conhecer melhor e até hoje somos amigas", diz. "Noilde é uma mulher admirável, e eu devo muito a ela. Não é nenhuma diretora de fachada; ela realmente direciona as alunas ao caminho certo e, outro detalhe, ela se renova com o tempo. Não tem assunto que eu não discuta com Noilde. Ela é uma pessoa

completamente consciente de tudo", declarou.

Lugar onde ganhou grandes amizades e ensinamentos, a Escola Doméstica é sempre lembrada com carinho pela feminista. Nasser cita ainda o nome de duas grandes amigas da época até hoje. "Celma Dantas, que atualmente é advogada, e Ivone Maria de Souza, que hoje é tradutora, são pessoas queridas que levei comigo a vida inteira", fala. Das 24 concluintes de 1954, restaram 20. O último encontro das colegas foi no cinquentenário da turma, em 2004.

NOVA GERAÇÃO ELOGIA MODELO DE ENSINO

A reportagem conversou com duas alunas da ED para saber quais as percepções que cada uma tem a respeito da formação adquirida no colégio e se ocorreram mudanças desde a época de Nasser até hoje. Stefanie da Paz, 16, é aluna do 2º ano do ensino médio, e está na escola há cinco anos. Diz que acabou ingressando na instituição através dos relatos de uma colega. "Essa minha amiga gostava muito daqui, então eu falei pra minha mãe sobre isso e ela decidiu matricular eu e minha irmã no colégio", conta.

Ela explica que identificou-se de cara com o modelo de ensino da escola e que, na verdade, tudo se trata de personalidade. "É questão de escolha de cada um. Muita gente ainda pode ter essa idéia de que a ED prepara domésticas, mas isso tudo não tem fundamento. Desde o início eu entrei aqui com outro propósito e até agora não me decepcionei", diz. "O que deve existir é esse elo entre o estudo e as funções do lar, porque a mulher não é somente uma profissional. Ela também é mãe, esposa, filha. Não tem uma vida apenas no ambiente de trabalho, mas também dentro de casa", completa.

Stefanie afirma que atual-

mente a mulher moderna é completamente dependente de uma empregada doméstica, quando, na verdade, deveria estar apta a tomar as rédeas da casa quando necessário. "É justamente por essa falta de tempo, que muitas vezes os filhos acabam sendo criados pelas babás, não pelas mães. Hoje em dia as crianças não recebem mais as orientações dos pais como deveriam", opinou.

A estudante diz que já sabe para que curso fará vestibular: medicina. Mas diz que não abrirá mão de suas funções domésticas. "É lógico que um companheiro também ajuda. Mas quero poder cuidar não só do meu trabalho, mas da minha casa também", afirmou.

Mariana Montenegro, 13, é aluna do 8º ano da escola, e diz que o que mais lhe atrai na escola é a diferença. "Não existe nenhum outro colégio como a ED no Brasil, o ensino é realmente diferenciado", fala. "Eu acho que hoje em dia cada vez mais se perdem valores, é o que mais eu vejo por aí. Pelo menos aqui eu me sinto acolhida", disse. Segundo ela, uma das mudanças notórias da instituição, além das renovações nas disciplinas, foi a não obrigatoriedade do clássico vestido branco a partir do 1º ano do ensino médio. "O uniforme é a marca registrada da escola, não tinha mesmo como ser extinto completamente", concluiu.



► Stefanie da Paz e Mariana Montenegro: formação tradicional e moderna

FRANCERIE, Francisco. Ciência, cultura e literatura em um mesmo encontro: jornada de Escola Doméstica e do Henrique Castriciano incentiva produção e pesquisa em múltiplas áreas. *Diário de Natal*, Natal, 01 out. 2010. Cidades.

Classificação

37 F884c

Ciência, cultura e literatura em um mesmo encontro

Fotos: Carlos Santos/DN/D.A.Press

Jornada da Escola Doméstica e do Henrique Castriciano incentiva produção e pesquisa em múltiplas áreas

Francisco Francerie
franciscofrancerle.m@dabr.com.br

Com o tema "A caminho das múltiplas leituras", segue até hoje a XXII Jornada Científico-Cultural da Escola Doméstica de Natal e do Complexo Educacional Henrique Castriciano, envolvendo alunos dos ensinos Fundamental ao Médio que estão expondo trabalhos de pesquisa na área de literatura, através de banners, teatro, recitais e apresentações musicais. Um dos trabalhos mais prestigiados foi o "Literatura em Cena", dos alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, que dramatizaram textos conhecidos da literatura brasileira. Outro projeto apresentado foi o Bicho Homem que, anualmente, apresenta trabalhos de cunho científico para explicar a história da humanidade.

Segundo a professora de literatura e língua portuguesa, Roberta Duarte, a Jornada contribui para o incentivo da leitura de textos literários. "A intenção da equipe de Língua Portuguesa é explorar mais e de uma forma prazerosa a literatura, valorizando os livros que lemos durante o ano", ressalta ela. O projeto,



Diversidade é um dos temas abordados na feira que segue até hoje nos dois colégios situados no bairro do Tirol

que já existe há três anos, trabalha com os estudantes a leitura de 24 obras literárias. Já o projeto Bicho Homem, ressalta ela, já tem oito anos de tradição, sempre atraindo um grande público à ED e ao HC. Este ano, a temática foi "África, redescobrimiento", que tratou sobre a literatura africana, durante mesa-redonda que contou com a presença do professor da UERN Aluísio Oliveira e do mestrando em literatura comparada pela UFRN Ariovaldo Leandro.

O Bicho Homem é um projeto dos alunos do Ensino Médio da ED e da HC, que envolve todas as disciplinas. De acordo com Regi-

na Montenegro, coordenadora pedagógica do Ensino Médio, a temática deste ano foi escolhida em decorrência da importância da cultura africana para a nossa sociedade. "Trabalhamos com os alunos a questão do preconceito, da mestiçagem, da literatura e da religião africana. A partir desses temas, eles confeccionaram banners que ficarão expostos ao público aqui na escola. Como todo trabalho científico, os trabalhos são avaliados por uma banca examinadora composta de professores que observam critérios técnicos como apresentação, domínio do tema, postura e conteúdo. O nosso objetivo é de

fazer os alunos conhecerem e se aprofundarem nessas questões, uma vez que somos descendentes diretos dos africanos", destacou Regina.

Ontem, houve palestra com a professora do IFRN Moema Marques, abordando o tema "literatura e cultura africana", bem como apresentação e avaliação dos trabalhos produzidos pelos alunos e debate com a presença dos professores Laís Barreto e Luiz Alexandre. No horário da tarde, a exibição do filme Amistad, com debate voltado aos estudantes do 1º ano. Hoje haverá o Flea Market, encerrando com apresentações culturais dos alunos às 15h.

FRANCERIE, Francisco. Tradição dos grêmios ainda resiste nas escolas do RN: cultura de grupos acadêmicos seguem forte nas unidades particulares. Nas públicas, projetos tentam resgatar hábito. **Diário de Natal**, Natal, 17 out. 2010. Cidades.

Classificação

37 F884t

Tradição dos grêmios ainda resiste nas escolas do RN

Carlos Santos/DN/D.A.Press

Cultura de grupos acadêmicos segue forte nas unidades particulares. Nas públicas, projetos tentam resgatar hábito

Francisco Francerle
franciscofrancerle.rn@dabr.com.br

Quem um dia viu os grêmios, na época da ditadura militar, atuarem na vanguarda representando os interesses dos estudantes e da educação e fortalecendo as ações em defesa da democracia, hoje estranha a forma por vezes sem propósitos com que trabalham em algumas do estado. Resgatar o verdadeiro sentido dos grêmios como importante espaço de aprendizagem, cidadania, convivência, responsabilidade e de luta por direitos não é tarefa das mais fáceis, mas já é o grande desafio da Subsecretaria da Juventude. Os grêmios do Complexo Educacional Henrique Castriciano e da Escola Doméstica (leia matéria ao lado) põem em prioridade as atividades sociais e são exemplo de como os grupos podem fazer um trabalho edificante, o que infelizmente, tem sido uma exceção.

Na Escola Estadual Padre Monte, no bairro das Rocas, região Leste de Natal, antes o grêmio era tradição, hoje a escola sequer



Alunos do Complexo Educacional Henrique Castriciano promovem palestras, eventos culturais e atividades voluntárias

escolhe líder de turma. O que existe é um grupo que denominam de grêmio, não houve eleição e os alunos apenas se reúnem para organizar festas. Mas, segundo o representante do Conselho Escolar, Carlos Antônio de Oliveira Barbosa, a escola já está desenvolvendo um processo de discussão para escolha no próximo ano, porém ele reconhece que ainda falta em muitos jovens consciên-

cia política de saber que têm o direito de se organizar, além de maturidade para escolher seus representantes no exercício prático de democracia.

Para a educadora Eleika Bezerra, que viveu uma época de ouro dos movimentos estudantis, sua formação hoje deve-se muito à participação democrática nesses grupos. Hoje, vejo com tristeza a descontinuidade de

um projeto tão bonito de cidadania devido o desinteresse de diretores de escolas e dos próprios estudantes em promover e estimular a formação dos grêmios. Ela lamenta que muitos estudantes, ao invés de se envolverem na política estudantil, estejam hoje se organizando em grupos de gangues escolares criando a contracultura da violência no meio da juventude.



SOUZA, Débora. ED continua rotina sem Noilde: dirigentes e funcionários se esforçam para manter o legado da ex-diretora da Escola Doméstica. **Novo Jornal**, Natal, 29 dez. 2010. Cidades, p.08.

Classificação

37 S713e

ED CONTINUA ROTINA SEM NOILDE

/ SUCESSÃO / DIRIGENTES E FUNCIONÁRIOS SE ESFORÇAM PARA MANTER VIVO O LEGADO DA EX-DIRETORA DA ESCOLA DOMÉSTICA

DÉBORA SOUSA
DO NOVO JORNAL

UM DIA APÓS o sepultamento de Noilde Ramalho, falecida no último sábado, noite de Natal, a impressão que se tem é que ela permanece presente em todos os espaços da Escola Doméstica, instituição que dirigiu nos últimos 25 anos: pelos corredores, nas salas de visitas, nos jardins; não há nada que não desperte a sua lembrança. Entretanto, ainda tristes com a sua ausência, funcionários esforçam-se para manter o seu legado vivo. Na manhã de ontem, a escola manteve o seu funcionamento normal, abrindo as portas, inclusive, para as matrículas do ano letivo de 2011.

Socorro Montenegro, a mãe de José Adalberto, 3, foi uma das que foi renovar a matrícula do filho. "Ele estuda aqui desde o nível 1 (maternal) e sinto que é muito bem acolhido aqui", declarou. Paraíba, mas morando em Natal há 15 anos, Montenegro diz que a escolha pelo colégio foi, principalmente, pela tradição mantida ao longo dos anos.

"Sempre tive a ED como referência. Até porque tenho várias amigas cujos filhos também são matriculados aqui", falou. Ela diz que, além do ensino de qualidade, a instituição tem sua estrutura física como grande diferencial. "Um conceito escolar excelente unido a um contato significativo com a natureza, o que, pra mim, é essencial. É impressionante toda essa área verde que existe dentro da escola, sem falar na sua estrutura esportiva", completou.

Fátima Xavier fazia a matrícula da enteada, Iviny Cristine Velloso, 1, quando foi surpreendida pela reportagem. A razão pela qual escolheu a escola foi pela tradição, ela diz. "Como eu já sabia da história da ED, achei que essa era a escola ideal pra ela estudar, sempre tive esse pensamento. Daqui a mulher sai preparada pra vida, e isso vai bem mais além do aspecto profissional", explicou. Para ela, a morte de Dona Noilde foi uma grande perda. "Mas tenho certeza que ela teve todo o cuidado de deixar aqui pessoas competentes

que irão continuar o seu trabalho", destacou.

Cristine Cunha Lima, vice-diretora da instituição, fala sobre as matrículas - que até a data presente superaram as expectativas, duplicando a quantidade realizada no ano passado - como algo que conforta o corpo de funcionários que ajuda a manter a escola erguida. "Isso significa, mais do que qualquer outra coisa, que as pessoas acreditam em tudo que ela construiu. A última coisa que Noilde queria era essa escola fechada; pelo contrário, ela queria vê-la crescendo cada vez mais e mais", afirmou.

Segundo a vice-diretora, junto com o luto gerado pela morte, surge também o desejo e a garra de dar continuidade a sua obra. "Nós estamos todos empenhados em fortalecer o seu patrimônio", acrescentou.

Cunha Lima explica que, por volta de cinco anos atrás, Dona Noilde vinha, aos poucos, preparando os funcionários para que soubessem como agir quando chegasse a hora de sua partida. "A cada viagem que ela fazia, me delegava responsabilidades que, cada vez mais, se tornavam maiores. Ela sempre deixava que eu a auxiliasse nas matrículas. Neste ano, por exemplo, ela me deixou dirigi-las interinamente", avisou. Antes da morte de Noilde, ela diz que, inclusive, chegou a lhe contar sobre as matrículas, que haviam duplicado, notícia a qual Dona Noilde recebeu com muita alegria. "Ela ficou tão feliz", lembra.

Para a vice-diretora, o fato de Dona Noilde estar viajando quando faleceu a faz pensar que ela continua viajando e pode retornar a qualquer momento. "Não parece que ela morreu, até porque nesses últimos dias eu estava me acostumando a vir pra escola sozinha. Então eu penso que ela vai chegar, como sempre aconteceu", falou emocionada. Ela diz que a idéia de fechar o colégio foi cogitada, mas acha que a vontade de Noilde não era essa. "Eu o tempo todo estou tentando colocar na cabeça: o que Noilde queria que eu fizesse? E a partir daí passo a direcionar tudo que eu faço", revelou.



► Índice de matrícula na Escola Doméstica supera a do ano passado



“

ESTAMOS TODOS

EMPENHADOS

EM FORTALECER

O SEU

PATRIMÔNIO”

Cristine Cunha Lima
Vice-diretora da ED

GABINETE FECHADO E REUNIÃO DE AMIGOS

A reportagem tentou adentrar no gabinete da diretora, mas não teve sucesso. A chave da sala, segundo a vice-diretora e os demais amigos e funcionários, foi guardada por Noilde entre seus pertences antes de viajar. “Em breve providenciaremos a abertura da sala”, informaram. Numa conversa improvisada, Margarida Cabral, Zoraide Accioly e Tereza Fonseca, amigas de Noilde, acompanhadas de Alexandre Marinho, secretário da Liga de Ensino do RN, lembraram os últimos momentos e desejos da ex-diretora.

Accioly lembra do último aniversário de Noilde (90 anos), comemorado em Belém, Pará. “Ela estava tão alegre, passeou tanto. Visitou a Gruta de Maria, recebeu a benção do Papa Bento XVI. Foi um momento marcante pra Noilde”, falou. Ela tinha passado o carnaval em Portugal e durante o ano, esteve na Itália, Dubai e Israel. Via-

jando no cruzeiro onde faleceu, já havia estado em São Paulo, Rio de Janeiro e Buenos Aires, Santa Catarina e partiria em direção ao Rio Grande do Sul, se viva estivesse. Próximo ano, Noilde já programava mais viagens. Suíça e Rússia estavam no itinerário.

“De uma coisa eu tenho certeza, ela morreu fazendo o que gostava”, disse Accioly. “Acima disso, morreu consciente de tudo o que acontecia ao seu redor e fora da escola, ela não queria morrer aqui dentro”, destacou Cabral. Marinho acrescenta que ela teve sorte porque morreu sem sofrer. “Tem gente que passa meses numa cama de hospital, desenganado. Noilde não queria isso. Pelo menos, ela partiu de uma vez, sem martirizar a si e a nós, que gostávamos tanto dela”, completou.

Emocionada, Accioly lembra da manhã de domingo, pouco depois de saber da morte de Dona Noilde. Ela conta que, por razão de

uma reunião dos membros da Liga de Ensino do RN para decidir onde seria o velório da ex-diretora, precisou ir até o local para abrir as salas. “Olha, assim que eu cheguei na escola, eu notei uma coisa tão estranha. Desci do carro e prestei logo atenção na mangueira central, cercada por muitas mangas que caíram do chão”, disse. Segundo a funcionária, as frutas só caem na mesma quantidade em épocas de chuva. “Mas como não tinha chovido, eu fiquei impressionada”, falou. Accioly diz que não tem dúvidas de que, para ela, isso foi um sinal da presença dela. “Era como se a natureza tivesse chorando, respondendo à morte dela”, confessou.

Os amigos lembram a paixão de Dona Noilde por criar. “Ela estava o tempo todo planejando tudo, odiava ficar parada”, afirma Fonseca. A maior segurança é que o legado dela continuará. “Até porque os funcionários que estão na escola foram pessoas que a conheceram, foram orientados por ela e irão fazer o máximo para que seu trabalho se estenda por muitos e muitos anos”, declarou.

COMPLEXO EDUCACIONAL COM 5 MIL ESTUDANTES

Cunha Lima afirma que o número de alunos que compõem a Liga de Ensino do Rio Grande do Norte, ou seja, a Escola Doméstica de Natal, o Complexo Educacional Henrique Castriano e a Faculdade Natalense de Desenvolvimento para o RN (FARN) é de cerca de 5 mil alunos, sendo 700 na ED, 1.200 no HC e 3 mil na FARN. Formam-se a cada ano, em média, 200 alunos, juntando ED e HC.

Ao todo, o complexo ocupa 18 mil hectares, mantidos por 150 funcionários. Como grande incentivadora de esportes, Dona Noilde teve motivos para comemorar neste ano, quando recebeu 13 troféus nos Jerm's. "Ela fez um grande jantar de confraternização, onde foram todos chamados: atletas, professores e funcionários", destaca.

Ao todo, são duas piscinas, sendo uma olímpica e uma semi-olímpica, três quadras, um campo de futebol, sala de dança, sala de aulas marciais, salão de ginástica olímpica, sala de xadrez, um grande parque infantil, dois ginásios, um centro de convivência, duas bibliotecas, cercados por muito verde, inclusive, a escola tem seu próprio bosque. "Estamos cons-

truindo também uma pista de atletismo que será inaugurada em breve", avisou.

As disciplinas extra-curriculares foram, em sua maioria, modernizadas, sem perder o conceito inicial. A professora de Etiqueta Social e Profissional, Laysa Palhano, ex-aluna, diz que saber se comportar, por exemplo, é algo que nunca sairá de moda. "Mais do que nunca, a delicadeza nos gestos está em alta. Não se trata apenas de saber segurar os talheres, é acima de tudo uma questão de comportamento. Os pais vêem isso como um grande diferencial", conta.

Ela conta que a disciplina, assim como outras clássicas já conhecidas, como é o caso de Moda e Estilismo, Ética e Convívio Social, Administração e Ordem Doméstica, Educação Alimentar e Puericultura, evoluiu ao longo dos anos, preparando a aluna para sair-se bem em qualquer situação. Vestuário, alimentação, visitas, convites, afazeres domésticos. "É essencial para qualquer ser humano saber entrar e sair de um lugar, principalmente a mulher. E no meio profissional, por exemplo, isso também conta muito", destacou.



▶ Leandro Bezerra, jardineiro: "É como se ela estivesse aqui"



▶ Marcos Antônio da Silva, porteiro: Não teve um dia sem me cumprimentar"

FUNCIONÁRIOS LEMBRAM DA EX-DIRETORA

Quem já teve a oportunidade de entrar na Escola Doméstica de Natal, sabe do imenso espaço verde que existe no colégio. Próximo ao caminho das décadas – uma pequena estrada que leva os passantes da coordenação até a Biblioteca Auta de Souza, onde são marcadas as décadas no chão de

1914, data em que a escola foi fundada a 2004 – estava o funcionário Leandro Bezerra, que já trabalha há dois anos na instituição, aguçando as plantas.

Ele diz que ficou surpreso com a morte de Noilde, que mesmo, com poucas palavras, sempre se fez presente e respeitou cada um dos empregados da escola. "A gente vai continuar se esforçando e trabalhando, como se ela estivesse aqui. Era o que deixaria ela feliz", disse. Fernando Medeiros,

ex-motorista particular de Noilde, afirma que irá sentir saudades. "Foi uma grande perda pra todos nós. O que fica de mais forte é a solidariedade dela, a lembrança dela sempre fazendo bem, sempre muito atenciosa", completou.

Ele diz que agora servirá a Manoel de Brito, presidente da Liga do Ensino do RN e os demais funcionários que precisarem do seu serviço. "Com a mesma dedicação, claro, mas que ela vai fazer falta, vai", frisou. Marcos Antônio da Silva, o

porteiro do colégio, também disse que a ex-diretora vai deixar grandes saudades. "Trabalho aqui há oito anos e já tinha me acostumado a vê-la chegar de carro. Não teve um dia que não passou por mim sem me cumprimentar", lembrou. Segundo ele, Noilde fazia questão de manter contato com todos os funcionários da casa. "Chamando a gente inclusive, pra orientar sobre a entrada e saída dos alunos, e também pra dar carinho quando necessário", brincou.